

# Editorial

Nasce a Revista da ALEPON: uma viagem pelo mundo das artes

A Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova traz a lúmen o número inaugural de sua revista eletrônica. E o faz por uma necessidade premente, humana: a de se comunicar e expressar. Essa necessidade é uma característica marcante desde os primórdios da espécie homo sapiens sobre a terra. Através de símbolos e signos, nossos longínquos ancestrais deixaram marcas de seu desejo de expressão gravadas, por exemplo, em cavernas. Essa compreensão do homem como um ser de relações levou Paulo Freire a afirmar que o anseio maior do homem é a sua expressividade. Martin Heidegger, na Carta sobre o Humanismo afirma que a linguagem é a habitação do homem, através dela ele expõe a verdade sobre o seu ser.

Assim, a Alepon, nesses tempos de incríveis possibilidades de comunicação, avança na busca do diálogo, necessário e urgente.

A ideia de uma Revista poderia se confundir, e em dada discussão confundiu mesmo, com uma antologia de textos, de poesia, de produção desconectada. Mas decidimos em grupo dar ao projeto um rumo jornalístico, de formação e informação, de expressão das artes, dos artistas, da pesquisa e dos fatos, da história e da estória presentes no corpo da Academia e na sociedade.

Fundada há 25 anos, a Alepon tomou dimensão maior do que o previsto. Buscou interlocução, ganhou a rua, deu voz a crianças, à música, à dança, à representação. Seus saraus, itinerâncias por cidades e ruas, bairros e galerias, se transformaram em vitalidade. Os concursos trouxeram o diálogo com tendências, talentos e diferenças. Colocou um braço importante em outros lugares, como em Portugal, onde o poeta Oliveira Ribeiro, de forma apaixonada, e Teresa Teixeira, com o toque poético feminino, esmeram no timbre ao realizar os eventos da Alepon no velho continente. A Academia globalizou e conectou-se. Enfim, de Ponte Nova para o mundo, e do mundo para Ponte Nova, o que exige a abertura para as múltiplas formas de comunicação e interação. Tal é o escopo desta Revista.

De Ponte Nova, trazemos uma entrevista com a escritora Marina Carvalho, nacionalmente conhecida por suas obras e por seu cuidado com a literatura.

Do nosso passado, a memória revisitada, em trabalho de Luciano Sheikk, reflexo de sua pesquisa contínua sobre a riqueza da produção literária em Ponte Nova.

De um presente ainda a ser desvendado, mas apenas apontando uma seta indicativa, um olhar sobre o sobrado da Rua Cantídio Drummond, onde morou a

confreira Lilá Mucci, matriarca de músicos como João Bosco, Tunai, Auxiliadora e, ela própria, Lilá, pianista e violinista. O local foi palco de grandes encontros de renomados artistas, de manifestações diversificadas da nossa cultura, incluindo a marca da culinária sírio libanesa.

Da verve dos acadêmicos atuais, vários poemas salteados no Espaço dos Acadêmicos. Destacando as coisas novas da literatura, as aldravias, o poetriz, a spína, novas formas poéticas que mobilizam os confrades.

Bruno Felga traz um relato carregado de emoção sobre sua trajetória ao lado de Tunai nos últimos anos. Tunai nos deixou em fevereiro deste ano, repentinamente, deixando-nos o legado de sua arte, de seu entusiasmo, sua vibração. Felga lhe fez companhia nos últimos anos em shows, viagens, projetos, como parceiro musical na percussão, cuidando também da agenda do cantor.

Aos olhos do leitor e da leitora, uma viagem pelas letras, pelas trajetórias pessoais, para uma visão e revisão dos caminhos artísticos variados que se percorrem em Ponte Nova e a partir de Ponte Nova.

Dos editores

## Palavra da Presidente

É com alegria imensurável que lançamos hoje a Revista Virtual da nossa amada Arcádia. Mais um sonho realizado, grande conquista! Um presente da ALEPON para vocês, admiradores e amigos, no mês em que comemoramos o 26º ano de fundação. Escrevo exatamente no dia 13 de junho, Dia de Santo Antônio, nosso glorioso Padroeiro, marca histórica de aniversário.

A "revista" chega num momento em que estamos impedidos de realizar nossos eventos externos. Porém, não cruzamos os braços, continuamos firmes em nossa missão de produzir e divulgar a arte e a cultura. Desde o início da Pandemia temos realizado reuniões, debates, saraus, exposições, publicação de livros, e horas de estudo, virtualmente. Felizmente nossa ideia de expansão foi abraçada pelos nobres Acadêmicos, especialmente por José Alfredo Padovani e Gilson José de

Oliveira, editores competentes e guerreiros que deram vida: corpo e alma ao nosso projeto. Eis a primeira de muitas outras edições. Acreditamos nisso! E vamos além... Buscamos patrocínio para que em futuro próximo poderemos oferecer também a edição impressa. Estamos abertos a parcerias dos amantes da literatura, da arte, da cultura, de modo geral. Lembrando Boff, buscamos as alturas, como águias, a transcender em nossos propósitos. (...) O papel da arte, da cultura e do entretenimento será fundamental na recuperação da nossa autoestima e na garra para enfrentarmos os desafios que estão por vir"...(Recorte da coluna "arte&cultura, Ademar Figueiredo, Folha de Ponte Nova, 12/06/2020).

Com certeza a nossa ideia agradará a vocês pelo carinho, pela vontade com que foi pensada e construída.

Gratidão aos contribuidores confrades e confreriras da ALEPON. Gratidão especial aos editores, trabalho feito com amor e dedicação. Gratidão a Deus por me permitir viver esse dia de glória.

Maria Elizabeth Moreira Leite Iacomini  
(Beth Iacomini)



## Expediente

### Revista Sarau

Publicação Oficial da Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova/MG (ALEPON)  
Nº 01 - Junho/Julho/Agosto 2020  
Distribuição Gratuita

### Presidente da ALEPON

Maria Elizabeth Moreira Leite Iacomini

### Conselho Editorial:

Gilson José de Oliveira - Editor Responsável

José Camilo Filho

Alfredo Padovani - Jornalista Responsável - MT/MG 8.779

### Sede da ALEPON

Rua Cantídio Drummond, 92 - Fundos - Sala 13 - Centro Histórico  
35.430-002 - Ponte Nova - Minas Gerais

*Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores.*

Os editores da Revista Sarau conversaram com a escritora e professora pontenovenense Marina Carvalho. Ela conta, numa entrevista descontraída, como iniciou sua carreira de escritora e porque deixou o jornalismo para abraçar o magistério e se tornar uma autora de sucesso. Marina faz parte de um seleto grupo de jovens e talentosos autores que conquistou o mercado editorial nacional. Seu nome já está inserido entre os romancistas da nova geração com sucesso de público e de crítica.

**- Marina, a profissão de jornalista com fundamento nas letras certamente foi decisiva na sua opção pela literatura. Até que ponto isso é verdade?**

- Na verdade eu fiz jornalismo porque tinha uma relação muito forte com a escrita desde criança. Só que na época que escolhi a profissão, o curso de jornalismo, eu não imaginava que poderia fazer qualquer coisa para me tornar uma escritora. Não passava por minha cabeça ser escritora. Sempre gostei de escrever. Pensei que fazendo jornalismo iria suprir minha necessidade de trabalhar com a escrita. O jornalismo não me satisfaz. Sempre preferi trabalhar com a escrita criativa. Mas o jornalismo me favoreceu muitas coisas.

**- Por que não quis trabalhar como jornalista?**

- Eu trabalhei como jornalista em Belo Horizonte, com assessoria de comunicação numa agência grande. Depois trabalhei na área de comunicação da Klabin (uma grande empresa de papel e celulose). Já não tão focada na comunicação, pois dividia minhas atividades entre a comunicação e o departamento de recursos humanos. Eu não nasci para ser repórter, eu acho. Porque me sentia tensa, angustiada. Encontrei-me de verdade no mundo da educação, quando pude ter a oportunidade de estar na sala de aula. Antes com jovens e adultos em cursos pré-vestibulares e preparação para concursos e depois na área de treinamento da Klabin.

**- Você se lançou para o grande público, com *Simplesmente Anna*? Escreveu algo antes, publicado ou não publicado?**

- Sim. *Simplesmente Ana* foi o primeiro livro que escrevi visando publicação. Escrevi entre 2011 e 2012 e foi lançado em 2013. Eu já tinha escrito outras coisas sem imaginar que fossem publicadas. Sempre ficou pelas metades. A não ser textos curtos, artigos e crônicas. Romance e novelas foi mesmo *Simplesmente Ana*.

**- Onde você buscar inspiração para os variados temas dos livros?**

- Eu sou uma pessoa extremamente observadora. Muito observadora. Acho que de uma maneira geral a vida me inspira. A vida que digo são acontecimentos que presenciei ou escuto. Ou mesmo lendo outros livros, filmes e séries. As músicas são também fontes de inspiração. Tenho uma relação muito grande com a música. Muitas vezes as ideias surgem ouvindo uma música. Muitas vezes a ideia vem de um livro ou surge de uma cena que vi. Histórias que minha avó me contava. Em se tratando de culturas diferentes ou momentos históricos diferentes, eu gosto muito de tudo.

**- A construção das ideias e dos conceitos que você passa, tem também personagens variados, que exigem pesquisa. Príncipes, princesas, jornalista, escravos, entre outros. Como que é o processo de construção dessas personagens, para que conduzam suas ideias até o leitor e a leitora?**

- Meus personagens são criados com fichas. Como se fossem currículos de cada um. Antes de dar vida a elas crio um roteiro de vida com nome, idade, estrutura física, o que pensa, profissão, gosto musical, estilo e o que gosta de comer. Crio quase um ser humano real para que ele possa se transformar numa agente do enredo. O enredo passa por um planejamento para que eu possa trabalhar.

**- A elaboração dos grandes enredos passa por pesquisa de época, como o ciclo do ouro, a realidade de outros países, de reinados. E você produz muito em tempo relativamente curto. Como arranja tempo, já que é também professora, que é trabalho que toma muito tempo? Conta com ajuda de alguém ou encara tudo sozinha?**

- Nesse caso, não conto com ajuda de ninguém. É tudo por minha conta mesmo. Eu costumo falar que só consigo produzir quando estou muito atarefada. Muitas vezes em momentos mais calmos não consigo produzir quase nada. Com prazo para escrita, produzo mais. A estória de Magda tive de escrever mais da metade somente no mês de janeiro, porque eu tinha prazo para entrega do material.



**- Como convive com o mercado editorial? O lado financeiro da escritora?**

- Ainda é difícil viver de literatura, só exclusivamente de literatura no Brasil. A não ser que seja um escritor extremamente consagrado, que venda milhares de exemplares ao longo do ano. Porque o leitor brasileiro tem certa ressalva com o livro escrito pelo autor brasileiro. Apesar de estar mudando nos últimos anos. Mas eu consigo receber um valor interessante pelos meus livros sim. Não acredito que conseguiria viver de literatura, mas meu trabalho como professora me dá um pressuposto para me manter como escritora.

**10 - Como se tornou leitora voraz? A escola tem a ver com isso?**

**- Dá para ser uma escritora universal a partir do interior do país?**

- Dá para ser uma escritora universal a partir do interior sim. Eu também chequei a contestar muito essa possibilidade. Hoje vejo que não só é possível como aconteceu. Não só comigo, como outras escritoras que são de minha geração, que tem publicado livros para o mesmo público que o meu. Também são do interior do Brasil, regiões afastadas dos eixos principais tão visados pela mídia. No começo muitas pessoas se assustavam por saber que eu era do interior e tinha alcançado leitores no Brasil inteiro e até fora do Brasil. Tenho muitos leitores fora do Brasil. Esse susto só denotava preconceito mesmo, em se tratando de pessoas do interior. Sempre brincava assim: com Internet não existem mais lugares escondidos. Estamos no mesmo barco. Isso de considerar um lugar ou espaço inferior a outro. Por estar mais distante. Isso não é mais viável fazer. Estou aqui em Ponte Nova e sendo vista e lida lá na Coreia do Sul. Independente de eu estivesse aqui ou em São Paulo.

**- Tem algo preparado para se tornar um roteiro de algum filme?**

O escritor de agora vive uma emoção constante da possibilidade de ter uma de suas obras ou várias roteirizadas, para adaptação para o cinema. E quando falo de cinema, não é o cinema tradicional, falo de serviço de streaming, como Netflix, Amazon Prime ou como tantos outros serviços que estão investindo em adaptações de escritores contemporâneos. Por causa do público que gosta de estórias, consome estórias assim. As minhas agentes que me representam no mercado editorial, trabalham em cima disso. Eu tive inclusive uma obra adaptada em curta metragem por uma equipe de estudantes de cinema lá UNA/BH. A gente tem a esperança que uma das obras se torne um filme aclamado.

**- Há quem diga que você é uma escritora infanto-juvenil. É isso mesmo? Você conhece bem o perfil de seus leitores?**

- Não, não me considero uma escritora infanto-juvenil. Eu conheço bem o perfil dos meus leitores. Faço essa medição por meio de ferramentas nas redes sociais. Meus leitores têm idades bastante variadas. Claro que a obra se identifica com os públicos mais jovens. Há várias obras que o público adulto gosta mais. Eu crio estórias. Espero ser lida por aqueles que se identificam com meu estilo, meu gênero. Aliás, com as variadas formas que tenho de trabalhar, com meu perfil de escritora. Então não me vejo uma escritora infanto-juvenil. Aliás, nunca escrevi para crianças. Não posso ser considerada infante.



## O ATO DE ESCREVER “COMO CATAR FEIJÃO”

Miracy Real (\*)

Dizer que é fácil e descomplicado o ato de escrever me parece uma opinião simplista demais. Muito pelo contrário, escrever, no sentido amplo ou restrito, expõe aqueles que escrevem a contraditórias sensações, movidos pela necessidade de libertar o que está na alma - textos literários; ou por necessidade de atender a prática social da vida - textos técnicos, não literários. Ambos são exigentes com o autor, sabendo -se que os primeiros possuem função estética, linguagem subjetiva, destinam-se ao entretenimento, à arte, ao belo, à ficção. Os segundos pretendem atender situações específicas, tais como informar, orientar, pedir, avisar, utilizando-se de uma linguagem objetiva, clara, direta, e formas padronizadas.

No ato da escrita conflituam-se prazer, vaidade, senso de perfeição, ansiedade ante o “apagão” de ideias, estranheza com as palavras, receio da dessintonia com o leitor e a crítica. Eu mesma me vejo, às vezes, nesse emaranhado de sensações, próximo do que descreve o escritor Michel Leiris: “correndo riscos, enfrentando o perigo na arena branca da folha de papel. Tal qual a arte de tourear”.

Ao escrever textos, seja qual for o gênero, a tipificação, a intenção e a funcionalidade, devemos ter em mente que vivemos a linguagem através deles, vez que nos remetem a referências externas a eles, aos seus mecanismos de construção, tanto quanto nos levam à dimensão do seu conteúdo, seja ele simbólico ou não, nunca alienado, porque oferecem perguntas, respostas, conhecimentos e descobertas; enfim, uma incursão a lugares surpreendentes da nossa existência interior e exterior.

Posso dizer que não há uma receita para desenvolver nas pessoas o gosto pela escrita, ou pela leitura; a não ser escrever, escrever, escrever, ler, ler, ler!... É um constante exercício. É um observar de todas as coisas que nos envolvem, que nos cercam e nos instigam a colocá-las no papel.

Por que uns o fazem e outros não? Não sei a resposta exata. Penso que é preciso estar atento: ao momento da ideia e do click. Sei somente que o interesse é algo que vem do interior de cada um, mas há inúmeras circunstâncias, hábitos, atitudes que ajudam nesse despertar para a escrita. Tem muito do empenho em querer começar; tem muito do estar atento a ideias que nos visitam e de deixá-las fluir, sem o medo e a insegurança que nos rondam nessas horas... Se recusamos, “tamos ferrados”, porque volta e meia esse estranho desejo de escrever vai nos assombrar.

Seja na criação de um texto literário, ou um texto técnico, tenho de me dispor a começá-lo. A importância das palavras, aí se impõe. Isso se chama propriedade de uso, requer intimidade com os significados e as possibilidades que elas oferecem para um diálogo com a realidade que ora denota, ora conota sentidos. O que eu escrevo deve oportunizar intertextualidade com o mundo,

tornar o mundo um tema. Alguém só escreve quando quer e quando tem algo para escrever e quando sente algo dentro de si querendo se materializar em palavras.

Essa mania de dizer que “fulano tem o dom de escrever”, por si só não procede. É claro que há, em algumas pessoas mais que em outras, uma percepção aguçada de coisas, fatos e sentimentos do mundo, o que amplia nelas o poder criativo. Fato é que a mente de quem escreve tem de ser “alimentada” incessantemente. Tudo pode ser oportunidade de escrita. De repente, não mais que de repente, ou pouco a pouco, nunca se sabe, descobre-se um tema. No meio literário está cheio de depoimentos de escritores que passaram por várias maneiras de se descobrirem como tal.

Mesmo quem se descobre escrevendo tipos de textos que os não literários, e sim outros como exigência do trabalho, dos concursos para empregos e vestibulares, tem de conhecer os mecanismos linguísticos e as bases redacionais adequadas a essas estruturas específicas.

Escrever é como catar feijão. Quantas vezes eu ouvi isto! Na feitura do texto escolhe-se o que serve ou não serve para o cozimento. Cata-o, recata-o. Escreve-o, reescreve-o. Solta o verbo no papel. Recolhe-o. Recupera-o. Liberta-o novamente. Por isso quando escrevo, muitas vezes me vejo catando feijão. E muitas vezes também me vem à lembrança o filme sobre a vida de Michelangelo, Agonia e Êxtase. É quando eu verdadeiramente sinto que a arte de criar textos é um transitar inexplicável entre esses dois estados de alma.



(\*) Acadêmica da ALEPON, Professora de Língua Portuguesa e Escritora.

# Caía a Tarde no Sobrado dos Freitas Mucci

Gilson José de Oliveira (\*)



Dona Lilá Mucci e cantor João Bosco

No centro de Ponte Nova está fincada a imponente Matriz de São Sebastião, suas torres neogóticas afunilando e apontando para o infinito. No chão, à sua frente, duas figueiras abrem sombras centenárias para amenizar o calor constante na região. Ainda resistem no entorno e nas laterais alguns poucos casarões dos primeiros tempos da Vila de Ponte Nova. À direita da matriz surge a Rua Cantídio Drummond, abrindo o caminho para o cemitério, o Rosário e o bairro Primeiro de Maio e alguns de seus pedaços apelidados de Biquinha, Buraquinho, Pito e Ranca Rabo. Esse último tem o belo nome de Vila Rosa, mas o apelido perdura, segundo a história oral, com fundamento na execrável prática de tortura, pois muitas vezes algum meliante era preso e levado ao local, então ermo, para uma sova de policiais.

Voltemos ao começo da Cantídio Drummond. Ali, um sobrado abrigou uma família que marcou e marca a identidade pontenovense: o casal Daniel Mucci e Lilá (Maria Auxiliadora de Freitas Mucci) e seus 11 filhos, distintos na individualidade, mas todos carregando uma indelével marca cultural.

Daniel se esmerava como representante comercial, e nas horas de fêria, foi goleiro destacado no forte Pontenovense Futebol Clube. Veio para Ponte Nova na imigração de sírio-libaneses que formou aqui uma etnia inculturada e se tornou uma das raízes da identidade local.

Lilá, vinda de Barra Longa, professora e inspetora educacional, atuou na Delegacia Regional de Ensino. (Era isso, não uma Superintendência, como hoje, mas Delegacia). Muito querida, tocava piano e violino, sendo que a filha Auxiliadora, cantava em um Clube. Mais tarde, maestrina Auxiliadora, dirigente de vários corais na região, o último deles o Coral Capela, de Ponte Nova. Outro filho, João Bosco, viria a se destacar mundialmente como cantor e compositor, tendo no violão um jeito peculiar de lhe arrancar ritmos e sons. Outro filho, José Antônio de Freitas Mucci (Tunai), seguiria em raia própria, fazendo-se nome histórico na MPB.

Essa mistura de futebol com música e culinária fez da residência da Cantídio Drummond um point cultural dos mais relevantes, incidindo na cultura local, regional e nacional. Não só os pontenovenses afluíram ao local das alegres reuniões. O point atraiu também expoentes da cultura nacional, encantados com a cidade, com os

quitutes, com o ambiente próprio à elaboração da poesia, da melodia, e porque não dizer, da rebeldia.

Em 1972, João Bosco gravou suas primeiras canções: fez dobradinha com Tom Jobim em um Compacto Duplo produzido pelo jornal Pasquim. Para quem não sabe, Pasquim era, nesses anos de ditadura e censura e tortura, um semanário de resistência. Reunia em sua redação a vanguarda intelectual. O jornal sofreu todo tipo de perseguição, e em dado momento toda a redação foi presa, acusada de subversão. Alguns auxiliares assumiram a dianteira da redação enquanto os seus mais expressivos intelectuais ficaram presos. Não tendo como exterminar as ideias, a ditadura de Geisel, através da ala mais dura, passou a estourar bancas de jornais e revistas, assustando vendedores e afugentando anunciantes. Segundo o próprio Jaguar, diretor do Pasquim, isso forçou o popularíssimo jornal a mudar de linha e, portanto, caminhar para o seu final.

A digressão sobre o Pasquim é para que o leitor avalie quão revolucionário foi o FECAPON (Festival da Canção de Ponte Nova) de 1977, que através de João Bosco, trouxe a Ponte Nova, na condição de jurados: Jaguar, Sérgio Ricardo, Roberto Moura, Carlinhos Vergueiro, João Aquino, Rildo Hora, entre outros. Ou seja, o bunker da resistência do Pasquim veio para Ponte Nova e, apesar de ter a seu dispor uma casa no bairro Rasa, frequentou por várias vezes, naquela memorável semana, o sobrado dos Freitas Mucci, que para nós sempre foi a casa de dona Lilá. O Festival em si já era um ato revolucionário naqueles tempos. 1977 era um ano em que se começava a falar em abertura, mas isso era ainda um movimento tímido. Em abril, Geisel fechou o Congresso, editando modificações nas eleições do ano seguinte, o chamado Pacote de Abril. Ainda em 1981 haveria o episódio do Riocentro, quando se tentou explodir um festival musical.

Dona Lilá muitas vezes me falou das vindas de João, residente no Rio de Janeiro. “João fica no segundo andar. Mando subir uns tira-gostos. Está sempre compondo. Ele e Vinicius de Moraes ficavam horas e horas em silêncio. Vinicius, só no Whisky, lendo ou escrevendo”.

Foi assim que, no ano de 1977, João estava com o poeta e compositor Aldir Blanc numa pousada em Ouro Preto. Saíram para dar uma volta. Ao retornarem, foram avisados pelo proprietário: “Vieram dois homens procurá-los. Disseram que vão voltar. Se eu fosse vocês, não esperaria por eles. São militares de Brasília.” Não esperaram: vieram para Ponte Nova e ficaram no sobrado por uma semana, até passar a procura dos

ditadores.

E foi nesse espaço, no sobrado da Rua Cantídio Drummond que, no início de 1979, estava o João Bosco trancafiado no segundo pavimento, quando chegou o companheiro Aldir Blanc, vindo às pressas de algum lugar. Amoitou-se também no segundo pavimento, abrigo da gênese da música e da poesia. Disse a João que trazia uma letra que clamava música. João respondeu que tinha uma música pronta e começou a solfejar, aos poucos passando para a letra que estava em mãos de Aldir. E foi então que surgiu a mais famosa obra da dupla: O Bêbado e a Equilibrista. Nasceu mais que um samba, um grito de liberdade. Um grito de basta: era hora de retomar o caminho da nação livre.

Gravada primeiro por Elis Regina, O Bêbado e a Equilibrista tornou-se hino da anistia legislada em setembro daquele ano. Anistia para o choro de Clarices e Marias, viúvas de Herzog e Manuel Fiel Filho, assassinados pelo regime. Anistia para o irmão do Henfil e para tanta gente partiu.

Pode-se perguntar: por que João Bosco tinha essa música prontinha para uma letra recente do Aldir Blanc? Na hora exata em que as vozes populares gritavam pela anistia. O casarão abrigou também Milton Nascimento, este acompanhando Tunai, assim como Wagner Tiso, Sérgio Natureza, e a estrela e inspiração dos dois irmãos: Elis Regina.

A casa de Lilá, ou o sobrado dos Freitas Mucci, abrigou saraus da Alepon, ensaios do Coral Capela, contratos musicais, e como se pode perceber, foi lugar de inspiração e resistência, quando poesia e música eram manifestações perigosas, apesar de libertárias.

**(\*) Escritor, Professor de Filosofia e História, Jornalista, Acadêmico da ALEPON.**



## um escritor capixaba de vários gêneros

O escritor Matusalém Dias Moura nasceu a 5 de junho de 1959, aos pés da cordilheira do Caparaó Capixaba, no lugar denominado Córrego dos Coelhoos, meio rural do antigo Distrito de Irupi, hoje Município, à época pertencente ao Município de Iúna. Filho de camponeses, viveu as agruras da vida rural de antanho, que era terrivelmente penosa àquela época. Fez os primeiros estudos e Ginásio na Escola Bernardo Horta, em Irupi, e o Segundo Grau no Colégio Henrique Coutinho, em Iúna, tendo, em seguida, graduado em Direito pela Faculdade de Direito de Cachoeiro de Itapemirim. Exerceu durante algum tempo a advocacia em Iúna e nas cidades do entorno do Caparaó (tanto nas do Espírito Santo, quanto nas de Minas Gerais). Em 1988, elegeram-se vereador à Câmara Municipal de Iúna, da qual foi Presidente no biênio 1991/1992. Não se candidatando a reeleição. Ao término do mandato, por advogar quase que somente em defesa dos despossuídos e desventurados pela sorte, com pouca recompensa financeira, prestou concurso público para o cargo de Procurador da Assembleia Legislativa do Espírito Santo e, sendo aprovado, transferiu-se para Vitória, Capital do Estado, onde ainda trabalha. Escritor e Poeta, em 2000 foi eleito e empossado membro efetivo da Academia Espírito-Santense de Letras, na qual passou a ocupar a Cadeira 34 e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. É, também, membro correspondente da Academia Mineira de Letras e da Academia de Letras e Artes de Portugal (ALA). É Coordenador da Revista Jurídica da Procuradoria da Assembleia Legislativa do Espírito Santo.

### a literatura

Desde muito cedo, por incentivo das professoras e dos professores do curso ginásial, tomou gosto pela literatura e passou a ler tudo do pouco que encontrava de literatura no pequeno Irupi. A poesia e o gosto pela rima e pela métrica entraram em sua vida, ainda no campo, nas cantigas cantadas, em forma de desafios, pelos camponeses durante o trabalho nas lavouras de café, em que um cantava um verso e o outro respondia, o que também acontecia nos bailes da roça ao som das sanfonas, nos quais também esses desafios aconteciam à noite inteira, numa animada disputa entre os dançantes que exibiam seus dotes artísticos. Mudando-se para Iúna, juntou-se a outros jovens que também tinham gosto pela literatura e pendor para a poesia e, aí, começou a compor seus primeiros versos. Foi nessa época, já em Iúna, que conheceu a poesia dos brasileiros Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Gonçalves Dias, Jorge de Lima, Mario Quintana, Paulo Leminsk, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa e os capixabas Elmo Elton, Newton Braga, Alvimar Silva e outros, e outros e outros. Mais tarde, já na idade adulta, leu os portugueses Camões, Pessoa, Cesário Verde, dentre outros. Dos universais leu: Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Vicente Huidobro, Nicanor Parra, Otávio Paz, Rubem Dario, Edgard Allan Poe, Malarmè, Dante, Petrarca, Bashô, e mais uma lista imensa de bons e ruins poetas.

Publicou seu primeiro livro, "Menino de Cachoeirinha" só em 1993, já depois dos 30 anos. Hoje, 2020, já conta com quase quatro dezenas de títulos publicados entre poesia, crônicas, contos, ensaios literários, jurídicos e históricos, além de permanentes publicações na Internet (no Facebook, principalmente). Na poesia, tanto pratica o verso medido: sonetos, trovas, haicais, quanto poemas de versos livres e brancos. Participando de concursos literários, ganhou vários prêmios de âmbitos nacional e em Portugal, alcançando mais de 20 primeiros lugares. Seus poemas são lidos no Brasil inteiro, via Internet, e comentados com encômios por literatos e críticos de todas as regiões do País, em Portugal e em alguns países de língua espanhola, também. Há quem compare seus sonetos aos de Bilac, Guilherme de Almeida e de outros grandes da divina arte.

### lê e escreve todos os dias

Passa de duas a quatro horas por dia lendo e escrevendo, geralmente à noite, porque seu dia é todo ocupado pelo trabalho na área jurídica, escrevendo petições, pareceres, razões e contra razões processuais e participando de audiências, além de assessorar a Comissão de Cultura da Assembleia. Entretanto tem sempre no bolso um bloco de papel e uma caneta para anotar as ideias que lhe vem a mente para um futuro poema ou outro texto literário. Dorme tarde, só apaga a lâmpada do quarto por volta das zero hora. Escreve primeiro a mão, em casa a lápis, na rua a caneta. Os primeiros rascunhos são guardados em uma caixa para mais tarde serem transformados, definitivamente, em texto publicável. Raramente os poemas saem prontos e acabados da mente direto para o papel. Só depois de finalizados, prontos para a publicação, é que são digitados e armazenados no computador.

Essas primeiras anotações são escritas em qualquer lugar e a qualquer hora. Surgida a ideia, ela é logo anotada para não se perder. Muito do que escreve é descartado, jogado fora, após uma avaliação rigorosa de seu valor literário. Escreve de pé, sentado, deitado, sem nenhuma disciplina. Na hora do acerto final, no entanto, a atenção é total e o tempo gasto é sempre demorado. Para Matusalém, a Poesia é uma companheira terrivelmente exigente, uma amante ambiciosa e dominadora. Segundo ele, ela exige do Poeta total dedicação; exige sua atenção, seus conhecimentos, seu suor, seu sangue e, por fim, sua vida. Ela é, totalmente, dominadora. O poeta que não se der a ela integralmente, de corpo e alma, 24 horas por dia, jamais será um bom poeta, pois ela o abandonará e quando ele a procurar não a encontrará. Ela não fica a disposição do poeta. Ele é que deve estar sempre atento a ela; à disposição dela. Ela jamais se submete, jamais se põe à espera do poeta.

### ser poeta

Matusalém afirma, ainda, que para ser poeta é preciso estar de bem com a vida, atento as dores e as alegrias, a beleza e a feiura do mundo, é preciso saber contemplar a flor, a água, o vento, o sol, a lua, o todo enfim. Mas também é preciso chorar, ter comiseração e compreensão com todos os movimentos da vida: os bons e os ruins.

### publicações

Antes de reunir seus poemas em livros, submete-os a consideração de algum amigo/amiga que gosta de poesia e que, a rigor, não precisa ser poeta, basta gostar de poesia, para uma avaliação e um conselho prévio. Até porque, segundo afirma, ninguém sabe tudo; muito menos quando se trata de poesia.

Matusalém (à esq.) e o artista plástico ponte-novense Antônio Boneca





# PAIXÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Há uns três dias que acabei, indiretamente, ouvindo uma história pela metade. Aliás, fragmentos de uma história que, a princípio, recusei ouvir. Apesar de recomendações pra que ouvisse. “Você precisa ouvir essa história!” Por quê? As histórias pertencem a quem as contam?

Por vezes, a gente não sabe quando um conto acontece. Tinha certeza de não querer escrever nada daquilo que contavam à revelia do expediente.

Não queria nem saber desses vestígios do antigo oráculo do “pão e papel no mesmo lugar”. Até porque o papel agora não passa de uma metáfora em acelerado estado de desuso.

No princípio, havia uma mãe envolvida na história. Talvez fosse o pivô da história. Não era. Era o pivô da narrativa, ali, àquela véspera de desdobramento. Por que as mães são sempre suspeitas nessas narrativas? Não sei. São. Contavam sobre uma possível nora, uma eternizada nora. Como se as mães sempre soubesse o tempo. Sabem.

Agora são tempos em que nos tornamos, de um dia para o outro, por força de mais um dos inúmeros decretos que tomam a cena dos dias, seres mascarados invadindo as ruas desertas da cidade.

A história não estava rolando numa boa (compreensível), certamente, dificultada pela dicção atravancada pelos tecidos, molduras e acentos diversos das máscaras ajustadas ao rosto. E, então, livraram-se desse estrupício delas, enfiadas imediatamente no bolso, largadas sobre o balcão que tem a função, também, de impor o distanciamento social mínimo. E uma pequena roda de mulheres se forma.

Não sei se ouvi o caso direito, na tentativa de não me envolver em mais um assunto alheio – síndrome que adoce ou cura, ou adoce e cura quem escreve. Se, de fato, não quis ouvir. Não pude ouvir por causa do expediente. De modo que não sei se o que conto, aqui, teria a ver com a história partilhada no balcão da sessão pela narradora da história e a pequena galera ouvinte.

A história me parece se tratar de um jovem – o filho da mãe, claro, narradora (dona?) da história – e uma amiga de infância. Eles se apaixonaram. É que a vida não segue, ou, por vezes, segue à revelia desse script de arrombo romântico de namoricos de infância. Apesar de certa preferência pela amiga de seu filho – a nora desejada por ela – para que eles ficassem juntos, numa espécie de final feliz pra uma história de amor pela qual a gente sempre acaba torcendo.

A menina se tornou uma moça. Casou-se – não com o filho da narradora. As coisas se repetem. Não teve uma vida fácil – quem a tem? E não me pareceu um ornamento poético pra dar efeito à história. E o jovem foi parar na China a trabalho.

As distâncias, os descaminhos, as proibições não curam uma paixão – não curam paixão alguma. Seguindo a história, não é que a pandemia do tal coronavírus entra no palco e no mérito dessa história, e a ele que é atribuída uma altíssima mortalidade, torna-se fundamental no desenlace dessa paixão antiga, gerando vida! “O amor não pode gerar senão o que seja amor” – fora a lição

aprendida da romântica sabedoria da minha avó, Margarida, em lições sobre a humanidade.

Vem-me à memória, também, a voz do Irmão Taquinho, lá de Urucânia, vizinho da gente lá de casa, sempre que um caso, uma notícia, uma situação lhe parecia inusitada: “Veja você!”. Ora, veja você o corona (coronga, coronha, como tem sido apelidado ironicamente na rua por esse humor brasileiro) numa inusitada ação, estrelando como cupido!

O jovem, temporariamente, de regresso da China, surpreendido pela explosão do contágio pela pandemia, fica impossibilitado de voltar. E reencontra a amiga – paixão antiga? Não a paixão não sofre essas ações da temporalidade – paixão da vida toda. Separada do casamento que lhe trouxera marcas indeléveis. Ficaram. Foram ficando. Permanecem ficando, porque, de fato, nunca desistiram um do outro. Foi o que pareceu à mãe, sogra, que venera a nora desejada. É provável que seja o que lhe parece. “Mãe não erra! Mãe presente!”

E a parte que achei água com açúcar demais pra um conto, mas, ao mesmo tempo, quase cinematográfico, cuja poética me enredou de vez, fingindo alheamento do núcleo da história, ao set do episódio, vamos dizer assim, a moça se engravidou. Aliás, eles se engravidam.

(Resisti, escrevi, retirei, voltei a escrever e ainda não sei se fiz a coisa certa deixar registrado que engravidaram a mãe do jovem, sogra devota da nora, dada a alegria com que narra essa história, como um conto de fada). Bom, fica dito aí.

A paixão dessa mãe agora é tríplice – o filho, a nora, eternamente desejada, e o neto.

Por se tratar de uma história de que a gente, ali, reunida, comigo arredio a ela, já fazíamos parte do contado, tanta coisa boba passa pela cabeça, do tipo: há pandemia que vem pra bem; se não fosse a pandemia, eles não teriam se reencontrado, não estariam juntos e, muito menos, essa senhora à véspera ou já vivendo o advento desse neto, não estaria dando palas de tanta alegria. Risíveis. Como o amor é risível.

Não sei se fica bem esse tipo de pensamento: a paixão está em consumação.

A história, rejeitada por causa de certa imposição ou pedido por ela, impõe-se.

Não sei se há cura para uma paixão. Desconfio de que paixão alguma se cura, nem a escrita se cura dela. Embora a paixão não careça, em tempo algum, de qualquer escrita pra ser o que é.

(Nilo da Silva Lima  
Sócio Correspondente da  
Alepon em São João Del-Rei)



# NOS TEMPOS DOS FESTIVAIS DE MÚSICAS

Luiz Raimundo de Oliveira  
Advogado, escritor e promotor cultural.

## NOS ANOS 70, EM PLENA DITADURA, PONTE NOVA REALIZOU DOIS FESTIVAIS REVOLUCIONÁRIOS DE REPERCUSSÃO NACIONAL

Ponte Nova realizou grandes festivais de música. O primeiro de que me lembro, foi realizado - com organização do Rotary Club, no Cine Brasil, nos anos de 1960. Festival muito bem organizado, tendo à frente José Barbosa de Vasconcelos - o Prof. Vivinho, e José Sérvulo de Magalhães Gomes. Músicas e intérpretes de altíssima qualidade. O primeiro lugar desse festival foi uma música de José Antônio de Freitas Mucci (Tunai) e Afonso Mauro Pinho Ribeiro, interpretada pela irmã de Tunai, Margareth.

Depois, no início dos anos de 1970, já no Cine Palmeiras, o FIM - Festival Índio da Música, organizado por mim, Dr. José Amora e Pedro Pacheco, em nome do Esporte Clube Palmeirense, então presidido por Fernando Crivellari. Também um festival de grande repercussão e qualidade artística e musical, com participantes de diversas cidades de Minas e do Brasil.

Já no final dos anos de 1970, fui convidado pelos integrantes do Interact, um clube de serviços composto de jovens estudantes, que foi criado pelo Rotary Internacional, que em Ponte Nova teve e tem grande atuação, desenvolvendo a capacidade de liderança e ajuda ao próximo, dentre outros propósitos que o norteiam.

Apesar de não pertencer ao Clube, fui convidado, a aceitei com enorme prazer, pelo fato de já ter alguma experiência com festivais. E já nas primeiras reuniões traçamos planos ousados, para que o FECAPON - Festival da Canção de Ponte Nova ficasse na história cultural da cidade, e assim aconteceu.

Em busca de jurados que pudessem dar notoriedade e ampla visão na mídia de Minas e do País, partimos para o Rio de Janeiro - Eu, Lalado (José Geraldo Silva - o Presidente) e Fernando Godoy, para falarmos com João Bosco, o nosso artista maior. Fomos recebidos por ele numa tarde de verão em sua casa no Jardim Botânico, e em meio às esculturas de papel machê de Ângela, fizemos o convite a ele e o pedido para que trouxesse com ele um corpo de jurados, composto de artistas de seu relacionamento. Ele topou na hora a empreitada e na semana seguinte entraria em contato para anunciar os convidados.

Naquela mesma tarde, procuramos também Fernando Mansur Barbosa, nosso conterrâneo, que já era um dos mais conceituados radialistas do Rio, e o convidamos para ser o apresentador do Festival, informando a ele que estivéramos com João Bosco e o resultado da conversa. Ele aceitou de pronto e iria fazer contato com João, para juntos organizarem a "comitiva".

De volta a Ponte Nova, a nossa bagagem estava empanturrada de alegria e satisfação, pois conseguimos o que na verdade não acreditávamos quando saímos de Ponte Nova.

Alguns dias depois recebemos um telefonema do Mansur, passando-nos uma lista dos possíveis convidados, deixando-nos de queixo caído. A nata da Música Brasileira estaria em nossa terra.

O primeiro FECAPON trouxe a Ponte Nova um grupo de artistas que nenhuma cidade do interior do Brasil jamais conseguiu: João Carlos Botezelli - o Pelão, produtor musical da Globo e realizador de inúmeros festivais; os cantores e compositores João de Aquino (autor, com Paulo César Pinheiro, de "Viagem"), Toninho Horta, Sérgio Ricardo, Suely Costa (Jura Secreta), Carlinhos Vergueiro, Paulo Emílio (parceiro de João Bosco), Rildo Hora (instrumentista, compositor, arranjador), Jaguar - Jornalista, fundador de O Pasquim, Roberto Moura, jornalista de O Pasquim, Ney Hamilton, programador e apresentador da Rádio JB.

O Cine Palmeiras, com suas quase quinhentas cadeiras, ficou lotado os três dias. Além dos excelentes concorrentes, todos os dias, um show de um ou dois dos convidados do júri, culminando no terceiro dia com um mega-show, com a participação de todos, sob o comando de João Bosco.

Apesar de estarmos, em 1977, vivendo os "anos de chumbo", os artistas foram mais comedidos nas falas e nas músicas, à exceção de Sérgio Ricardo, que apresentou, para o delírio da plateia, as suas famosas músicas de protesto, liberadas pela censura, mas que não eram muito bem aceitas pelo Governo Militar.

Além do festival, outras atividades culturais eram realizadas paralelamente, como o lançamento de livros - inclusive um de Dona Laene Mucci, no sábado, dia 29 de outubro de 1977, à tarde, no então bucólico jardim da Praça de Palmeiras.

Um fato marcante e inusitado neste ano, foi uma partida de futebol de que os artistas participaram, com integrantes do Interact e outros atletas da cidade. A partida teve início no Estádio Dr. Otávio Soares (no Pito) e terminou no campo do Acabiara Clube. Por causa do treino do macuco, teve-se que interromper a disputa, mas a fome de bola era tanta, que não pensaram duas vezes em mudar de campo.

O domingo de encerramento do Festival, dia 30, que também era o aniversário da cidade, constitui-se numa celebração à cultura e à arte, um presente dado à nossa cidade, à altura do seu merecimento e que jamais seria esquecido pelas pessoas que lá estiveram. Um final digno dos grandes festivais da Record, com organização primorosa e uma qualidade musical incomparável!

Mal acabara a ressaca das comemorações pelo sucesso do festival, já me intimavam para programarmos o segundo. Durante quase um ano, trabalhamos para realiza-lo. O palco seria o mesmo, o do Cine Palmeiras. Infelizmente não pudemos contar com a ajuda de João Bosco, que estaria em turnê pelo Japão. Mansur, por sua vez, também não poderia vir (e a apresentação do Festival foi feita por mim), mas mandou-nos alguns jurados da mais extrema qualidade: o Juiz de Direito, cantor/compositor, já com um LP Gravado; Antônio Oliveira - o Totonho, sambista de "responça", autor de "O Surdo"; Verter Brünner, diretor de divulgação da gravadora CBS; Roterdã

Salomão, editor e produtor da gravadora Top Tape, e o maior trompetista da América, Márcio Montarroyos.

O Festival atraiu um número enorme de inscrições, fazendo com que a seleção fosse bastante apurada, ficando para concorrer somente músicas de altíssima qualidade.

Se no primeiro FECAPON o vencedor foi da cidade de Raul Soares, Márcio e Gláucia Galvão, com "Oasis Maranhense", no segundo, o campeão foi o ponte-novense Marcos Braga, com a música "Mantéia", que impressionou bastante os jurados, arrancando de um deles o seguinte comentário: "Este moço é um artista pronto..."

Emoção foi o ponto alto do segundo FECAPON. Dois fatos contribuíram para que a plateia se inflamasse de alegria, chegando ao êxtase. O trompetista e jurado Márcio Montarroyos, após a sua apresentação, chamou ao palco o Maestro Zeli Mafra, com a sua flauta. Montarroyos tinha ouvido Zeli tocar, à tarde, ensaiando uma participação que ele faria à noite na apresentação de um concorrente - José A.S. Fernandes. Zeli relutou - tímido que era, mas empurrado pela plateia subiu ao palco. A música Carinhoso, interpretada e arranjada pelo M. Montarroyos era tema da novela do mesmo nome, na Globo, e estava no auge. Márcio fez a clássica introdução (procurem ouvir esta música), Zeli ficou olhando, e aos poucos foi entrando no clima da canção, o coração de todos que assistiam parecia que iria parar, uma coisa maravilhosa que encaminhou para um verdadeiro desafio entre trompete e flauta, uma sintonia inacreditável, já que os dois músicos nunca sequer se falaram. Culminou com uma explosão de notas sons, acordes incríveis vindos, não dos instrumentos, mas da alma e do coração dos dois intérpretes. Ao final, aplausos como nunca se ouviram em Ponte Nova, tamanha a maravilha que se acabara de ouvir...

Ainda havia mais surpresa. Jô Libra sobe ao palco para a última apresentação antes do anúncio dos vencedores. Toca algumas músicas do seu disco que agradam de cheio os presentes. "Para terminar, disse ele, vou mostrar uma composição minha, mas não sei se chegarei até o fim". E cantou "País Modificado". Nunca se viu tamanho delírio numa plateia. Gritos, aplausos, assobios, uma loucura. Os presentes naquela noite soltaram seu grito reprimido no peito pela situação política que vivíamos. Sem poder falar o que pensávamos, sob pena de sermos presos, aquele momento foi de redenção. O canto de Jô Libra era o canto de todos os brasileiros. Foi uma apoteose. Até hoje nada igual foi visto em Ponte Nova. O FECAPON encerrava com galhardia um evento que marcaria a história cultural de Ponte Nova. E Marcos Braga foi o Campeão!

No ano seguinte, 1979, a enchente que abalou as estruturas da cidade, inviabilizou o 3º FECAPON, que ainda precisa ser realizado.

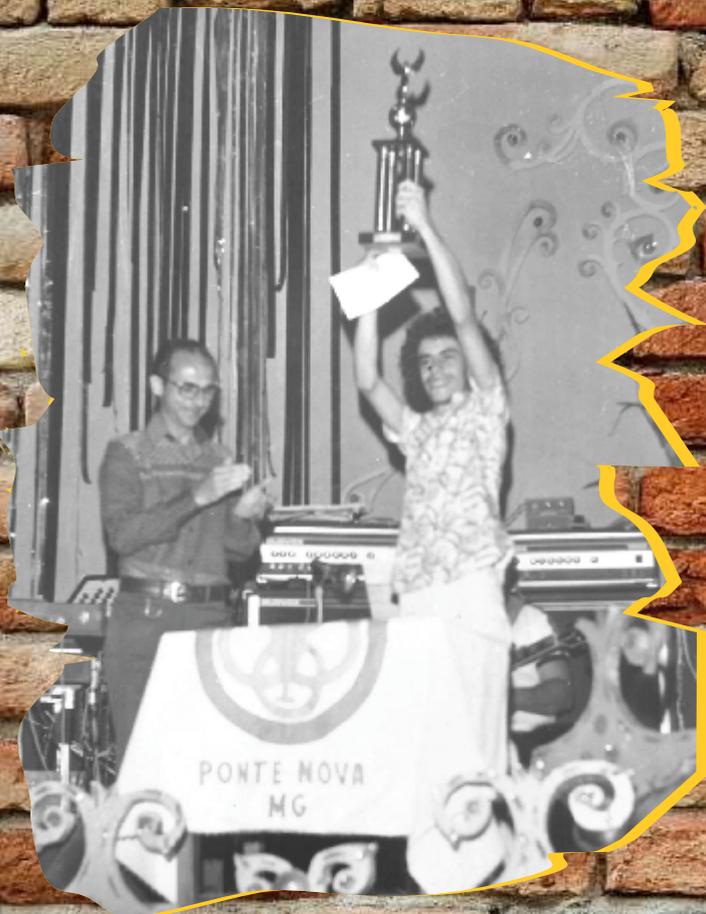
A seguir, a letra da canção de Jô Libra, que ainda ecoa em nossos ouvidos de mentes.

# PAÍS MODIFICADO

## (Jô Libra)

Eu não sei o que vai ser deste País  
Se o povo continuar infeliz  
Alguma coisa vai ter que acontecer  
Pro brasileiro deixar de sofrer  
Estudante não pode falar  
Jornalista não pode escrever  
Reclamação é atentado nacional  
No entender do quartel-general;  
Político já teve o seu valor  
E ao povo defendia com ardor  
Hoje é tratado como qualquer contraventor  
É confinado, é exilado, é traidor;  
Se o povo vai levando vida dura  
Na panelinha do governo tem fartura  
Enquanto morre um estudante em via pública  
Almoça vinhos o presidente da república;  
E os padres que são ministros da fé  
Serão trocados por soldados da P.E.  
E o home branco para ser civilizado  
Em vez de terno ele vai ter que andar fardado.  
Ouvir dizer que vão mandar tingir a lua  
De verde-oliva, que é a cor da ditadura.

**Esta letra revolucionária foi uma das participantes do festival.**



# TUNAI, ETERNAMENTE...

Bruno Felga (\*)

Tudo começou em meados de 2003. Eu estava morando em Belo Horizonte, trabalhando com Música (desde os 14 anos), quando meu pai, o saudoso Dr. Napoleão, me pediu para voltar para Ponte Nova e concluir os estudos. Como bom filho, retornei à minha terra natal para estudar e continuar trabalhando com Música. Neste período realizei um festival chamado Fest in Vale. Convidei a Dona Lilá, também conhecida como “a mãe de Tunai e João Bosco”, ou pela ordem cronológica, “a mãe de João Bosco e Tunai”, para ser jurada deste festival, o que deixou-a muito honrada. Nós tornamos amigos. Violinista (não é violonista) com uma pegada firme, segundo o Maestro Wagner Tiso, pintora, escritora, poetisa, professora, uma artista completa. Encantei e me aproximei muito dela. Anos depois, minha mãe e ela se tornaram melhores amigas e assim foi até o dia que ela nos deixou.

Mas, voltando a meados de 2003, numa das inúmeras visitas que fazia à Dona Lilá, ela me disse que Tunai viria a Ponte Nova e gostaria de me apresentá-lo. Naquela época, com 19 anos, eu já conhecia as obras musicais de Tunai e João Bosco, e confesso que sempre tive preferência pelo Tunai, pois suas músicas soavam mais “pop” aos meus ouvidos. Quando fui visitá-lo, tive o cuidado de não parecer apenas um fã que queria pedir autógrafa, tirar uma foto, agradecer e ir embora. Na realidade a Dona Lilá queria que eu me tornasse amigo de seu filho, embora ela jamais imaginasse que trabalharíamos tantos anos juntos.

Bem, então vamos aos fatos. Chegando lá, de manhã, Tunai havia acabado de acordar e estava sentado num sofá da copa trocando as cordas de seu violão Washburn. Ele gravou vários álbuns com este violão, dentre eles o “Certas Canções Acústico”, ao vivo na Casa da Ópera, em Ouro Preto. Me apresentei e ele disse que já sabia quem eu era pois a Dona Lilá sempre falava de mim. Fiquei lisonjeado. Sentei ao seu lado e conversamos sobre Música, Futebol, Cinema, Ponte Nova, etc., assuntos que ele sempre gostou de falar. Almoçamos e passamos o resto da tarde “trocando figurinhas”. Fiquei muito impressionado com a atenção que ele me deu, pois foi um dos meus primeiros contatos com artistas consagrados nacionalmente e não esperava que fosse dessa forma. Ele se mostrou muito cortês e até me acompanhou à porta pedindo que voltasse no dia seguinte.

Voltei, e daí em diante nossa história começou. Antes de ir embora pro Rio de Janeiro, ele me deu alguns CDs e escreveu seu telefone e e-mail e pediu que eu entrasse em contato. Liguei depois de alguns dias e conversamos durante alguns minutos.

Ele disse que faria o lançamento de seu novo CD “Dança das Cadeiras”, na extinta loja de discos Modern Sound, em Copacabana, ao lado de grandes músicos como Kadu Lambach (guitarrista e ex-integrante da Legião Urbana), André Neiva (contrabaixista e produtor musical), Dodô Moraes (tecladista), Williams Mello (baterista) e a lenda da percussão, Don Chacal, que acompanhou grandes nomes da música brasileira e internacional como Paul Simon, Steve Gadd, entre outros.

Dias depois recebi um postal pelos Correios que era o convite para este show de lançamento e fiquei extasiado. Liguei novamente e perguntei se poderia ir e ficar em sua casa. Prontamente, ele disse que sim e seria um imenso prazer. Comprei roupas, sapatos, cinto e me preparei pra viagem. Mas o destino quis que eu não fosse a este show e, por um motivo que não me lembro mais, não fui.

Agradei pela oportunidade e ele me convidou para viajarmos juntos com sua família e sua equipe para Cumuruxatiba no final do ano. Eu não estava acreditando e entendendo o motivo pelo qual ele estava sendo tão generoso comigo, mas aceitei o convite e depois de algumas semanas ou meses (não lembro a data que conversamos) segui viagem rumo ao sul da Bahia. Dava início ali ao nosso primeiro trabalho juntos. Além de receber um cachê, comi lagosta pela primeira vez e fiquei hospedado numa suíte com cama king-size num resort de frente pro mar. Vivi dez dias e dez noites tão incríveis que jamais esquecerei. Foi mágico!

Quando retornei à Ponte Nova, obviamente, fui à casa da minha querida amiga Dona Lilá agradecer-lhe por ter me apresentado ao Tunai e comecei a entender de verdade o que era generosidade e gratidão. Ele era extremamente generoso com todos, principalmente com quem amava as pessoas que ele também amava. Ou seja, ele carregava o conceito de que “gentileza gera gentileza”. Inclusive, com ele aprendi a usar o termo “por gentileza”, que há pouco tempo um amigo meu disse que nunca tinha ouvido ninguém usar essa expressão. Achei estranho, mas afirmo que também não tinha ouvido até conhecer o Tunai com 19, prestes a fazer 20 anos.

De lá pra cá, vivi experiências maravilhosas que jamais imaginei que pudesse viver. Conheci pessoas e lugares incríveis que somente através da Música e por causa do Tunai tive oportunidade de conhecer. Pisei em alguns dos principais palcos deste país ao lado dele. Participamos de grandes

festivais e eventos no Brasil e no exterior. Sabíamos o quanto um fazia bem para o outro. Era uma relação de amigos, irmãos, pai e filho reciprocamente. Embora nunca confiasse totalmente em alguém, acho que a pessoa que ele mais confiou depois de sua esposa, Regina, e dos filhos, André e Daniela, fui eu. Além de baterista, percussionista, produtor artístico e executivo, roadie, assessor de imprensa, webmaster, gerenciador de redes sociais, etc., etc., etc., eu também cuidava de alguns assuntos pessoais. Inclusive, tinha acesso aos seus e-mails, cartões de bancos, fazia compras pela internet pra ele, etc. Era uma relação muito próxima de muita cumplicidade. Mais próxima que a relação que tive com meu próprio pai.

Quando meu filho, Pedro, que hoje tem 13 anos (e um talento promissor na Música), tinha 2 anos, Tunai e eu começamos a viajar e fazer muitos shows pelo Brasil. Fazíamos umas loucuras como tocar no interior de São Paulo na sexta-feira, no dia seguinte ir pra Montes Claros e retornar pro Rio no domingo. Tudo isso de carro. Ele não tinha frescura. Abastecia, calibrava os pneus e dá-lhe estrada! 110, 120, 160... Literalmente, como dizia a canção de outro poeta, Humberto Gessinger. Demorei um pouco a acostumar com essas correrias, mas depois de algum tempo se tornou





Bruno Felga, João Mattos e Tunai.

comum. Ele dizia que “adorava fazer curva” e saía cantando pneus na Serra de Itabirito, por exemplo.

Ao longo dos 16 anos que trabalhamos juntos, me aprofundi e me tornei grande conhecedor de sua obra, respeitada por grandes nomes da Música Popular Brasileira. Pude testemunhar encontros dele com artistas, personalidades, políticos e pessoas comuns que reconheciam e também admiravam suas músicas, sua obra e sua carreira. Ele se enviaidia quando era reconhecido nos aeroportos, principalmente por pessoas mais jovens que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo quando estava no auge nos anos 1980.

Ele adorava contar histórias de sua infância e adolescência em Ponte Nova, juventude em Ouro Preto e Belo Horizonte e, depois que Elis Regina gravou sua canção em parceria com Sérgio Natureza, seu sucesso no Rio de Janeiro, cidade que o acolheu e ele adorava. Ele morava com sua esposa, Regina, e sua filha, Daniela, (seu filho, André, é casado e mora na Tijuca) numa lindíssima casa de campo, no alto das Laranjeiras, entre os bairros Santa Teresa e Cosme Velho, onde tinha piscina com a água sempre cristalina, dois Pastores Alemães, duas Fox Paulistinha, um quintal com pés de jabuticaba, acerola, etc., tucanos, miquinhos, vista pro Pão de Açúcar, aos pés do Cristo Redentor. A vida dele estava ali, fazendo sua “manutenção” diária, que inclusive virou música e vocês podem conferir no álbum “Eternamente”, lançado em 2011. Inclusive, tive a honra de gravar bateria nesta canção. No andar de cima da casa tinha “meu quarto e meu banheiro”, pois sempre fiquei hospedado lá, e o estúdio, onde ele passava horas tocando violão, criando, compondo melodias, harmonias e letras geniais.

Mas ultimamente, Tunai andava meio inquieto, incomodado com a situação do país, com a baixa qualidade musical e tinha um pouco

de dificuldade de aceitar algumas mudanças trazidas pelo implacável tempo, como por exemplo a terceira idade. Ele sempre foi vaidoso, jovial, as pessoas diziam que ele estava muito bem (e realmente estava), mas às vezes confessava que estava cansado e não tinha mais pique pra fazer aquelas “loucuras” que fazíamos antigamente. Mas ele continuava cheio de esperança, cheio de projetos, inclusive, faremos o lançamento póstumo do DVD que gravamos em novembro do ano passado no Vivo Rio, no Rio de Janeiro. Além deste DVD, Tunai deixou aproximadamente 20 canções inéditas e algumas releituras de outros compositores gravadas que eu guardo trancadas a sete chaves.

Recebi a notícia de sua morte ao meio dia do dia 26 de janeiro de 2020. Costumo dizer que sou um animal de hábitos noturnos e produzo melhor à noite (inclusive escrevi este texto à noite) e por isso fui dormir muito tarde na noite anterior, ou melhor, na madrugada do fatídico dia. Recebi um telefonema do Maestro Wagner Tiso perguntando se era verdade o que estavam falando sobre o Tunai, mas eu não sabia de nada. Logo em seguida recebi uma ligação de uma produtora

de Campinas aos prantos afirmando que Tunai havia morrido e eu disse que não sabia, mas ligaria pra família dele. Liguei pra Regina, mas ela não atendeu. Liguei pra Daniela, e nada. Daí liguei pro telefone dele e a Dani atendeu chorando e confirmando a notícia que jamais esperávamos receber. Costumo receber essas notícias e não ter a reação que normalmente as pessoas têm ou esperam que tenhamos. A “minha ficha” só costuma cair quando a pessoa se faz ausente e a saudade bate. Normalmente, nos momentos que as pessoas sofrem e sentem muita dor pela perda, me sinto forte e sereno. Entendo que este é o processo pelo qual todos teremos que passar.

Naquele dia recebi ligações de praticamente todos os veículos da imprensa brasileira que insistiam em dizer que “Tunai, o irmão de João Bosco” havia falecido. Certa vez ouvi de um poeta ponte-novense que “temos que ser muito mais que um nome numa plaquinha no cemitério”. Não tenho dúvidas que o Tunai deixa uma obra musical incrível e respeitada por muita gente sensível e capaz de absorver sua genialidade, mas certamente o José Antônio de Freitas Mucci, filho da Dona Lilá e do Sr. Daniel Mucci, marido da Regina, pai do André e da Daniela e, principalmente, o avô do “Menino Fernando”, que era sua razão de viver, mas infelizmente desfrutou tão pouco tempo dele, também deixou um legado para as pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-lo. Fica a saudade do homem, mas também fica a obra do artista. Tunai vive! Viva, Tunai!

**(\*) Músico, produtor cultural, baterista e arranjador**



Bruno Felga, Tunai e Wagner Tiso.

# Xeleco, um poeta popular

Ingressei, recentemente, num mundo diferente, de respeito e carinho dedicados às letras, arte e ciência. Passei a fazer parte da renomada Alepon. Quando fui convidado a integrar neste meio, meus pensamentos, a maioria das vezes misturados e até contaminados por uma gama de afazeres e de supostos afazeres, criados pela ansiedade natural de uma vida corrida, fiaram na determinação de não fugir daquilo que me move desde o meu sempre: a ideia da vida compartilhada; inda mais envolvida de musicalidade.

Desde antes de o verbo compartilhar fazer parte das redes sociais eletrônicas, eu colhia palavras nos quintais de Minas para escrever versos – muitos transformei em letras de canções –, para reconhecer a importância do outro, para esvaecer sentimentos e dúvidas, para comunicar, ensinar, educar, aprender, autoconhecer e interagir. Embrenhei-me na vida tentando compartilhá-la. Por isso quis ser padre – não fui. Preferi o amor a Deus e o amor ao companheirismo nos braços de uma mulher. Fui para o rádio, para a sala de aula, para a música, para a imprensa, para a advocacia, enfim, para tudo o que me permitisse compartilhar ações e palavras. É minha essência.

A arte movimenta-se nas minhas veias, envolta a aplausos, incentivos, críticas e ruídos. Tudo é válido quando em tudo se enxerga amor. Se não do homem; de Deus. E essa história de versos e prosas teve princípio no aço vibrante pela ação dos dedos de meu pai, José Silva – simples assim. Ou nos contos expressivos de minha mãe, Esther. E as raízes desse burburinho de arte em mim chegam a um parente: Tio Xeleco.

Então, como o artigo 32 do Estatuto da Alepon determina a escolha pelo neacadêmico de um patrono para sua cadeira, devendo ser figura de renome da literatura, ciências ou artes brasileiras, ou qualquer pessoa falecida que tenha legado, de preferência a Ponte Nova, relevantes serviços culturais, seja na sua militância literária, científica ou artística, seja na qualidade de protetora das letras, da ciência e das artes, no Município, escolhi Geraldo Magela Guimarães, o Tio Xeleco. É meu patrono um poeta, músico, escritor e diretor/autor de peças teatrais, ponte-novense, rasense. É... O verbo está no presente, porque os olhos de hoje não conseguem enxergá-lo entre nós, mas testemunham o que produziu.

Meu patrono nasceu em 1909 na Fazenda Rasa, num local próximo da casa onde eu moro. É irmão de meu avô paterno, Joaquim Machado Guimarães. Faleceu em 1989, três anos depois de uma imagem dele fixar na minha memória: Tio Xeleco sentado num banco, desses de praça, em frente a sua casa, no bairro Triângulo. O banco ainda está lá, talvez à espera de uma escultura do poeta rasense. Merecida seria a homenagem. Aqui já posta.

Confesso que tem uma razão maior de minha escolha para patrono: minha mãe, Esther Guimarães Silva, que conta noventa e tantas velinhas, foi componente da trupe de tio Xeleco na peça de sua autoria e direção “Deus tarda, mas não falha”. Desde criança, esse fato serviu de ramificação da arte em mim. E ainda, a relação de seu bandolim com a musicalidade de meu pai, José Silva. Minha mãe adubou tudo isso com seus relatos maravilhosos.

Então não podia ser diferente: Xeleco é meu patrono na Academia de Letras e Artes de Ponte Nova. Filho de João Machado Guimarães e Carolina Santana Guimarães, era funcionário público federal, trabalhando na antiga Usina do IAA, no bairro Rasa. Casou-se em 1950 com Octacília Dias Pereira Guimarães, com quem teve os filhos Edu, Ede, Ema e Geraldo; e ainda as filhas adotivas Raimunda e Maria Isabel.

A obra artística de Geraldo Magela Guimarães, Xeleco, tem como principais características o informalismo situacional e regional e a acidez analítica dos fatos do cotidiano, via léxico que lembra Guimarães Rosa, seu quase xará. Afinal, Xeleco é Guimarães da Rasa; disputado contador de causos nas boemias. A chuva, um burro e seu montador são elementos de um dos mais famosos. Burro dos bão, que correu de Barra Longa ao Rasa à frente da chuva. Chegou apenas com o rabo molhado.

Privilégio ter assistido ao tio Xeleco contar esse causo do burro e a chuva. Aconteceu numa gincana, daquelas que movimentava Ponte Nova nos idos oitentas. Foi o causo vencedor. Naquela noite, nós, jovens, ainda ganhamos o abraço do poeta.

Meu patrono era vizinho da natureza e da natureza humana; sentia a natureza feminina como fortaleza. Registrava os percalços da vida com maestria. Em “Rita, minha muié”, um de seus mais famosos poemas, sem pudor e sem acinte à Lei Maria da Penha, narra a violência doméstica com o humor necessário para transmitir com maestria a mensagem de que o amor deve sempre vencer a batalha.

“

Rita, minha muié, ô muié impertinente!  
A gente tava satisfeito e, de repente,  
Vinha a Rita protestano:  
“Bastião, não me apoquente  
Qu’eu sou pior que pimenta  
Quando me zango e me dano

Daí vinha a brigaiada  
Era palavrão, xingo, pancada  
E eu sempre na desvantage  
Mas num dia, qu’eu tava risulvido  
Eu quis provar qu’era marido  
E mostrá minha corage

Arregacei a manga furioso  
Pedi ajuda ao tihoso  
Pra dá uma surra na muié  
Mas quá, a muié é tão danada  
Que me deu uma bofetada  
Que não me contive de pé

Foi quando eu resolvi me separá  
E saí. Saí pra nunca mais vortá  
Saí viajando a esmo  
Até que num certo lugá  
Eu garrei a maginá  
E falei comigo mesmo  
Bastião, ocê deve vortá  
Deve reconciliá  
E mantê seu nome de pé  
Proquê esse caso é já sabido  
O homem pra sê bão marido  
Deve apanhá da muié

”

O reconhecimento da importância da obra de Xeleco ocorreu em forma do Prêmio Xeleco de Cultura, que era realizado anualmente, iniciado em 1989, homenageando aqueles que trabalhavam pela difusão cultural. Também o poeta recebeu menção honrosa da revista Brasília, em razão de sua participação no Concurso Nacional de Poesia.

O ambiente de inspiração de Xeleco era o hoje bairro Rasa – e isso me arrepiava –, onde organizava saraus musicais e carnavais. Tocava bandolim e animava as pessoas a cultivarem o romantismo e alegrias nas noites de luar com cantos, causos e poesias.

Valei-me a metalinguagem para informar que escrevi este texto no fundo do quintal da casa onde nasci, onde meus irmãos nasceram, onde meus pais sonharam e realizaram, envolvidos de angústias e felicidade, no antagonismo da vida, onde as antíteses são mais frequentes que nos poemas do século XVII, no Barroco. Moro nesta casa com minha esposa e filhos, sentindo diariamente toda uma energia que dela emana. É uma casa-palco, onde bailes e reuniões culturais eram realizados, com a presença de nosso Xeleco.

Findam minhas palavras, e deixo que fluam as de meu patrono, Xeleco, quando versou sobre sua vida no nosso querido Rasa. Segue a obra “A casa onde nasci”, porque não há maior elogio para um artista do que dar voz a sua arte.

**Wander Silva**

**\*Professor de Língua Portuguesa, Acadêmico da ALEPON, Músico, Advogado e Escritor.**



# A Casa onde Nasci

Texto original de Xeleco

## A CASA ONDE NASCI

XELECO (Geraldo Magella Guimarães)

Vês aquela casa, na quietude, no abandono ?  
Parecendo objeto desprezível e sem dono ?  
Foi ali, que eu nasci, foi ali, que eu me criei.  
Onde passei as minhas amarguras,  
Onde tive a maior das desventuras -  
De perder meus pais, que tanto amei...

-Foi ali, que eu gozei do amor materno,  
Podia ser verão, ou ser inverno,  
Sempre junto, agarrado com meus pais.  
Eu vivia feliz... tranquilamente,  
Junto de meu povo, de minha gente,  
Companheiros nos prazeres e nos ais.

-Foi ali, que eu tive o primeiro amor,  
Foi ali, que eu senti aquela dor -  
Dor do ciúme, do desespero, da paixão.  
Foi ali, que eu tive a felicidade,  
De saber que, a sociedade :  
"É mentira, hipocrisia e ilusão."

-Foi ali, que fiz os meus primeiros versos,  
Inspirados por sentimentos diversos,  
Por amor, por paixão por amizade.  
Foi ali, que eu vivendo de esperança,  
Perdi de meus pais, a minha herança.  
Foi ali, que eu perdi a mocidade.

-E depois, de sentir já alquebrado,  
Me transformei de patrão em empregado,  
Para ganhar honestamente o pão.  
E assim, os filhos criei,  
Sem passar as decepções que eu passei,  
Sem sofrer de ninguém - humilhações.

-E foi lá, naquele casarão -  
Que guardei toda minha ilusão...  
Todo mal que passei na mocidade.  
Mas, quando eu passo em frente àquela casa...  
E me lembro o que foi a nossa RASA...  
Corre em meus olhos, lágrimas de saudade...-

# A Literatura na Imprensa de Ponte Nova

Luciano Sheikk (\*)

Imagine-se em janeiro de 1886 atravessando a avenida principal de Ponte Nova, Rua Municipal, hoje Avenida Caetano Marinho, ainda sem calçamento, para comprar uma cerveja genuinamente ponte-novense, fabricada pelos senhores Lopes & Abelha e adquirir o primeiro jornal impresso: O RIO DOCE. Entre as notícias, das quais destaco a conclusão da estrada de ferro, que foi inaugurada naquele ano pelo imperador D Pedro II, a literatura teve seu espaço garantido nas páginas do periódico, com o primeiro poema publicado nas tipografias neopontinas. (veja o poema AS FLORES na página seguinte)

Assim a arte das palavras escritas se tornou parceira de primeira do jornalismo de Ponte Nova, que seguiram aliadas em todos que sucederam O RIO DOCE.

Depois vieram, mais de 50 jornais, com destaque em veicular a literatura: Vespa, 1890; O Pontenovense, 1891, Minas Gerais, 1892; O Lidador, 1892; O Tupinambá, 1897; O Serro Azul, 1897; O Piranga, 1903; A Alvorada, 1904; A Onda, 1906; O Município, 1911; A Evolução, 1913; Correio da Semana, 1915; A Notícia, 1918; Correio da Mata, 1919; O Excelsior, 1924; Gazeta de Ponte Nova, 1925; Jornal do Povo, 1933; Revista Ponte Nova, 1942; Tribuna da Mata, 1956.

Escritores ponte-novenses, mineiros, brasileiros e estrangeiros, nos mais diversos gêneros, foram prestigiados pelas páginas dos jornais.

ressalta-se que os empreendimentos educacionais foram gestados por ponte-novenses que muito cedo saíram para estudar fora, em sua maioria no Caraça, no Seminário de Mariana, no Colégio Providência e na faculdade do Rio de Janeiro. O papel das primeiras escolas aqui estabelecidas foi fundamental para que se difundisse o gosto pela literatura, formando leitores e autores. Na Escola N S Auxiliadora, inaugurada em 1896, onde ao longo dos anos estudaram as poetisas Guiomar Couto, Helena Schiavo, Laene Mucci e tantas outras. Do Colégio Propedêutico, estabelecido em 1913 e que depois passou a se chamar Colégio Dom Helvécio, Edgard de Vasconcelos, Mário Clímaco e muitos outros foram alunos. Do Grupo Escolar Senador Antônio Martins, entregue oficialmente ao público em 1913, o poeta e jornalista Mário Fontoura, que veio de Campos, Rio de Janeiro foi o primeiro diretor.

Foi em 1912 que a literatura ultrapassou os limites das páginas dos jornais, das atividades escolares e dos encontros lítero-musicais para a edição do primeiro livro impresso em Ponte Nova. De Manoel Ignácio Machado de Magalhães, que retrata o município de forma histórica, em prosa e verso, de modo brilhante, publicou-se "Resumo Histórico de Ponte Nova", uma odisseia.

Vivia-se uma atmosfera literária, a ponto de se ter na década de 1930 a Biblioteca das Moças em Ponte Nova e de se comemorar no dia 26 de outubro o dia internacional da Biblioteca, com eventos públicos e de excelente audiência, além de saras beneficentes. Ler era socializar-

se. Escrever era se destacar. Declamar era encantar.

Foi nessa década que surgiu o jornal que mais abrigou a literatura. Em todas as suas edições, repito, em todas as edições semanais durante 50 anos, de 1933 a 1983, o Jornal do Povo, de Aníbal Lopes, trouxe poemas, contos, crônicas e, pasmem positivamente, até romances foram publicados em forma de folhetim e depois gravados em livros. O ponto máximo, creio, da impressão das artes das letras em Ponte Nova, foi no início da Década de 1950, com O Suplemento Literário, cuja repercussão ultrapassou as fronteiras do município de Ponte Nova e do estado de Minas Gerais.

Suas páginas, que chamavam a atenção dos leitores e críticos literários de Minas Gerais e do Brasil, confluíam colaborações de escritores locais, estaduais e nacionais, tais como Milton Campos, Ivan Lins, João Camilo de Oliveira Torres, Edward Leão, A. Brant Ribeiro, Mário Clímaco, Olegário Lopes, Jorge Ramos, Ivo Barroso, Edgard de Vasconcelos, Fábio Lucas, Francisco Marcelo Cabral, José Grossi, Gonçalves da Costa, Afonso Arino de Mello Franco, José Pinto Coelho, Campomizzi Filho, Jamil Santos, Eugênio Gomes, José Marianno, Nelson Alves, Edison Moreira, José Eduardo, José Schiavo, Augusto Frederico Schmidt, Theodomiro Tostes, Augusto de Lima Júnior, Caio de Freitas, Mário Fontoura, Brito Machado, José Silva Gradim, Brito e Silva, João Martins de Oliveira, Nidoval Reis, Jorge Ramos, João Camilo de Oliveira Torres, José Grossi, Edgard da Mata Machado, Lacerda Cortes, Nilo Aparecida Pinto, Danilo Fernandes Magalhães e outros tantos. O Suplemento Literário, do Jornal do Povo, para mim, tem o mesmo valor histórico-cultural que as reverenciadas Revista Verde, de Cataguazes e Elétrica, de Itanhandu.

Outra ação de se publicar literatura mais centrada em autores locais, ocorreu em 1975, no jornal Tribuna da Mata, fundado pelo poeta Jamil Santos, já sob direção de Joel Saltarelli, que acolheu os jovens literatas e artistas Délcio Teobaldo, Ricardo Motta e Guilherme Serra, inserindo em suas edições a página Ex-Atos. Em pleno regime militar, eles escreveram abaixo do título: "AGUENTAMOS FIRMES", na segunda edição e na sétima, última que encontrei, A CAMINHO DE UMA ABERTURA:

Em 1976, sob a direção de João Brant, com a edição de Fernando Grossi e redação de Ricardo Motta, respectivamente, surgiu o Jornal e Revista Forma, que se pautava em difundir a literatura ponte-novense:

Em 1980 o Projeto Musa, liderado por Ayrton Pyrtz e Ricardo Motta, possibilitou, dentre outras atividades, a exposição pública da literatura na Praça de Palmeiras, dos mais experientes a nós iniciantes.

A partir dos meados dos anos 1980 se inicia uma safra de publicações de livros de autores de Ponte Nova e que segue até os dias atuais.

Em 1994 surge a ALEPON, sob a liderança do professor e escritor Kleber Rocha, que foi o seu primeiro presidente.



Mais uma parceria com a imprensa escrita motiva a criação literária. A Folha de Ponte Nova abre uma seção para a Academia de Letras, Artes e Ciências de Ponte Nova:

A ALEPON, nesses 26 anos levou a arte e a literatura como uma profissão de fé, no estilo de voluntariado franciscano, através de diversos projetos, tais como Circulando a Poesia, saras, concursos literários, impressão de informativos, edição de dezenas de livros, palestras... Chegando até Porto, em Portugal, onde há uma "embaixada" da Academia, organizada e difundida pelo poeta Oliveira Ribeiro e com diversos participantes de refinadas letras.

Se ao pesquisar e escrever a História da Literatura em Ponte Nova em dois volumes ainda foi insuficiente para eu colocar toda a preciosidade de autores e obras relacionadas ao município, tentei aqui sintetizar, não o conteúdo, mas apenas as possibilidades e vertentes de se buscar mais sobre o tema quase que infindo.

Além de tudo isso, pensar que, ao longo desses 134 anos da palavra impressa, muitos de Ponte Nova se projetaram para Minas Gerais, para o Brasil e até para o mundo, através da literatura e do jornalismo, nos dá a certeza de que a terra aqui é fértil para o cultivo das letras. Posso citar Mário Bhering, Caio de Freitas Castro, José Schiavo, Edgard de Vasconcelos, Jarbas Sertório de Carvalho, José Pinto Coelho, Antônio Brant Ribeiro, Milton Campos, Martins de Oliveira, Laene Mucci, Délcio Teobaldo, Mariângela Haddad, Gabriel Bicalho, Marina Carvalho... E saber que um dos mais qualificados tradutores e poetas brasileiros, Ivo Barroso, teve seus primeiros trabalhos publicados no Jornal do Povo e na Tribuna da Mata, e se influenciou por Antônio Brant, Jamil Santos e Mário Clímaco, permitem-me dar à Ponte Nova o codinome de Cidade Literária!

Contente e esperançoso literariamente por participar desta nova travessia, do texto em papel para estas páginas eletrônicas em SARAU e, quiçá, uma via de mão dupla, torno-me signatário deste promissor empreendimento!

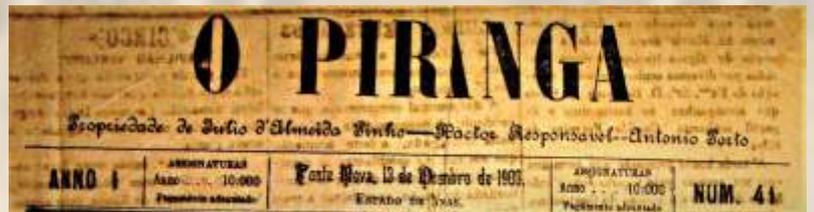
(\*) Escritor, Historiador e Membro da ALEPON

**EDITORIAL**

Fomos colocados na rua na manhã do dia 1º. Fomos impressos (não às pressas, graças!) e a edição chegou a Ponte Nova no dia 30. Agradou-nos ver o formato em que saímos desta vez. O aprimoramento virá a cada número, no momento em que nossas experiências neste campo forem acumulando.

Quando batemos um papo com um amigo, falamos aquela linguagem simples, de fácil entendimento. Sem muitos sofismas, para alcançar a toda gente. E exatamente esse linguajar que exatos começa a experimentar em Ponte Nova. Gente nova, gente velha, gente! Esse o objetivo de ex-Atos, que não é uma folha literária em si; é a união de pessoas, sem distinção, com intuito de aproveitar as suas possibilidades no campo artístico-literário.

Não viemos acreditando em lugar vago para preencher, muito menos para tomar o lugar dos outros. Há lugares para todos os que se habitarem para tal. Estamos aí com o intuito de lutar paralelamente por uma mentalidade cultural de nossa cidade; de uma abertura cultural, para uma maior movimentação, em ir e participar realmente ativo e desinibido.



**As Flores**

Oh filhas do ardente sol,  
Flôres do campo e do Prado!  
Vós sois a muitos respeitos,  
Dignas do nosso cuidado.

Para nosso regozijo,  
Vos creou a natureza,  
Que vos nutre e vos afaga,  
Para dar-vos mais beleza.

Com lindíssimos desenhos,  
E' ella quem vos matiza,  
E quem vos dá quantos traços  
A vossa graça precisa.

Deu-vos a magnificencia,  
Das mais primorosas côres;  
Mas d'ellas deveis queixar-vos,  
Oh galantes, bellas flôres.

*Olympio Martins de Oliveira Guedes.*



LETRAS

FOLHA DE PONTE NOVA, 9 de dezembro de 1905

**Conheça a estrutura da Academia de Letras de Ponte Nova**

# CÂMARA DE VEREADORES HOMENAGEIA ALEPON PELOS SEUS 25 ANOS

## PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº33/2019

A Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova (ALEPON) foi fundada em 13 de junho de 1994 como entidade cultural e de duração ilimitada, sem fins lucrativos. O estatuto foi publicado no Diário Oficial do Estado em 15/09/1994 e juntamente com seu Regimento Interno norteia suas atividades. O primeiro mandato de presidente (1994-1996) foi exercido pelo professor Kleber Rocha, fundador da ALEPON. Todos os diretores vêm se empenhando para o crescimento da entidade, ampliando os trabalhos literários e contribuindo para o seu crescimento na cidade.

A ALEPON tem reconhecimento de Utilidade Pública municipal (Lei nº 2.135, de 18/12/96), estadual (Lei nº 19.844, de 05/12/2012) e federal (Portaria 610, MJ, de 22/02/2102).

Apresenta, em seu quadro, sócios efetivos, sócios correspondentes, sócios honorários e sócios beneméritos. O seu Estatuto foi revisto e atualizado, várias vezes, sendo a última reforma em outubro/2018.

A ALEPON é considerada uma grande produtora cultural pelos seus relevantes trabalhos, principalmente pela produção de livros. Realiza duas reuniões mensais, uma ordinária e outra de estudo, abertas ao público. Realiza também três sessões solenes anuais: uma para premiação de vencedores dos concursos literários; uma na agenda municipal de comemorações do aniversário da cidade, em outubro; e outra em junho, em comemoração ao aniversário da própria Alepon.

A entidade já lançou quatro antologias: 1999, 1ª Antologia da Academia, com apoio de patrocinadores pontenovenses; 2009, 2ª Antologia, no dia do aniversário de 15 anos da Alepon, patrocinado pela Prefeitura de Ponte Nova; 2014, 3ª Antologia, através de projeto concorrendo ao Fundo Estadual de Cultura/MG. Nesse mesmo projeto lançou também a 1ª Antologia de Aldravias (movimento criado pelos escritores de Mariana) e 10 livros diferentes dos escritores da ALEPON.

Promoveu a 1ª Bienal do Livro, em 2002, evento inédito em Ponte Nova. Realizou diversas noites de autógrafos, em sessões solenes, para lançamento de obras de escritores, como, por exemplo, a acadêmica já falecida, Amélia Pinto Coelho Gomes (D. Morena); o ex-governador Francelino Pereira; a escritora riocasquense Margarida Drummond; o escritor Lucas Terranova, residente em Belo Horizonte, e o acadêmico Dr. Salvador Geraldo Ferrari, já falecido, Humberto Martins e Maura Martins, Antônio Brant Ribeiro Filho, Wilma Quintiliano, Elizabeth Iacomini, Wilza Maiyrink, José Camilo Filho, Dr. Luciano Coelho, Walter Horta, Lara Repolez.

Lançou em Belo Horizonte, na Biblioteca Luis de Bessa, o Livro “A História da Literatura em Ponte Nova”, também divulgado no Rio de Janeiro, na sessão solene em Homenagem aos ponte-novenses, que se destacaram no Rio de Janeiro na Assembleia Legislativa do ALERJ. E em Portugal, em 2014 na Semana Literária de Aldravias.

Realiza o concurso de textos em prosa e verso “Professor Mário Clímaco”, iniciado em 2006, já caminhando para a realização de sua XIV edição, nos âmbitos: local, nacional e internacional, cujos trabalhos vencedores são divulgados em sessão solene em Ponte Nova e Portugal, para os vencedores daquele País.

Promove saraus lítero-musicais nos clubes ou sede da entidade, divulgando talentos de Ponte Nova e região com declamações, músicas, danças e encenação teatral. Realiza trabalhos culturais em parceria com a Prefeitura Municipal e escolas.

No ano de 2011, iniciaram-se os seguintes projetos: Projeto “Circulando a Poesia”, realizados nas praças, shoppings, calçadas e bairros, com declamações, distribuição de Poesias, varais de poemas, músicas, oficinas literárias e exposição de livros, trabalhos artesanais, quadros e fotos. Projeto “Saraus Itinerantes”, realizados em várias cidades mineiras e de outros estados com números de declamações, músicas, encenação teatral, palestras e exposição de livros. Encontro de Escritores em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, na agenda do

Festival de Inverno. Foi apresentada a primeira palestra de Aldravias pelo Professor José Benedito Donadon.

Promove ainda o Projeto “Pesquisa da História Literária”, 1º Projeto aprovado pelo FEC.

Livro Lançado em 2013 e divulgado em várias cidades mineiras, estados e Portugal. Poemas nas toalhas e varal de poesias nos bairros. Participação na Semana do Idoso, com palestras e saraus socioculturais.

Atualmente presidida pela professora e escritora Maria Elizabeth Moreira Leite Iacomini, a Alepon completou 25 anos de grandes realizações culturais em 13 de junho de 2019, credenciando-se a essa justa homenagem especial.



# PRÊMIO PROFESSOR KLEBER ROCHA ESTIMULA A PRODUÇÃO LITERÁRIA NA ALEPON

As três obras vencedoras do Prêmio Literário Professor Kleber Rocha já estão prontas para serem lançadas. A iniciativa, criada para estimular a produção literária dos associados da ALEPON, chega a sua segunda edição. O homenageado foi um dos fundadores da instituição e seu primeiro presidente. Os vencedores em 2019 foram os acadêmicos Ludovina Pires, Gilson José de Oliveira e Alfredo Padovani. Os livros foram editados com recursos doados pelo empresário Carlos Bartolomeu (Grupo Bartofil) e complementação dos autores.

A entrega do Prêmio aconteceu no final do ano passado, em noite festiva da ALEPON, no restaurante do Pontenovense Futebol Clube. Na oportunidade, foi também celebrada a confraternização de final de ano, quando foram apresentados números musicais pelo acadêmico Júlio Valadares, acompanhado pelo pianista Marcelo Siqueira. A noite contou ainda com as presenças de Luiz Raimundo de Oliveira e Márcio Bartolomeu, diretor de marketing da Bartofil.

O Professor Kleber Rocha foio principal fundador da ALEPON e marcou época em Ponte Nova como professor do Colégio Dom Helvécio e diretor da Escola Municipal José Maria da Fonseca. Seu amor pela língua portuguesa foi uma marca em sua vida.



# Espaço para os acadêmicos

Aldravia, uma nova forma de poema que nasceu na primeira capital de Minas Gerais.

“Poema composto de até seis versos univoculares, sintaxe paratática (por coordenação) livre de amarras que venham implicar na limitação de interpretações.”  
(Segundo a Ms. Andreia Donadon Leal).

Esse novo estilo de poesia, nasceu em Mariana-MG, outubro de 2010, em comemoração aos dez anos da Aldrava Letras e Artes, pelas mentes brilhantes dos proeminentes escritores, Gabriel Bicalho, Andreia Donadon Leal, José Benedito Donadon-Leal e José Sebastião Ferreira, conectados ao mundo em constante transformação, onde tempo e espaço são cada vez mais exíguos e a rapidez dos fatos comanda o tom da vida: a Aldravia.

Seu conteúdo forte e inovador, com o mínimo de palavras produz significados impactantes sem torturar o leitor, mas instigando-o à leitura, pois cada palavra produz o som e a imagem dos mais vivos encantos literários, despertando assim simpatia aos escritores e leitores, contagiando o cenário literário da atualidade.

I	II	III
sequidão	peregrino	florida
momento	confidencia	jabuticabeira
entediado	sonhos	disputa
pescador	com	anunciada:
pesca	cobertor	pássaros
lamentos	esfarrapado	crianças

*Wilma Quintiliano*

I	II	III
Toda	Todo	Crepúsculo
Manhã	Amanhã	Hoje
Traz	Terá	Iluminará
Luz	Luz	Manhã
Do	do	Do
ontem	hoje	Amanhã

*José Camilo Filho*

lágrima  
que  
rola  
saudade  
que  
fala

noite  
enluarada  
céu  
estrelado  
coração  
entristecido

noites  
“calientes”  
explosão  
de  
amor  
ardente

*Catarina Fois*

## Política

Aldravias publicadas no Livro: Auri Sacra Fames (O Livro VI das Aldravias).

07  
“politicagem”  
fio  
rompido  
perdeu-se  
o  
tecido

08  
corrompida  
política  
sequestra  
sonhos  
suga  
vidas

10  
gênios  
políticos  
criam  
vírus  
da  
politicagem

*Ester*

## Nosso Planeta

Habitamos em um planeta imenso  
Repleto de luz e de cor  
Onde o solo é rico e fértil  
Mas nele falta o amor

As matas são destruídas  
Diminuindo a condição da vida  
A violência persiste e impera  
A seca devasta, assombra e assola

O desperdício é visível  
Nos entulhos e nos lixos  
O homem não sabe o que quer  
O lema é “salve-se só quem puder”

Precisamos reverter  
Essa cruel situação  
Salvar nosso planeta  
E acudir nosso irmão

Proteger a natureza  
Ser cidadão de verdade  
Para acender a luz do amor  
Por toda a humanidade!...

*Wilza Mayrink*

## MIGUEL

A minha mãe me deu nome de anjo,  
um anjo tão bonito e corajoso  
que de toda maldade e todo dano  
defende as crianças de seu povo,

ela me disse; mas me dizem outros  
que só de nome é que eu sou anjo  
porque não tenho asas no meu corpo,  
não tenho espada e só tenho branco

no branco dos meus olhos; vai saber  
a cor, a forma, como são os traços  
de um anjo que a pessoa pode ser?

- eu sei que faço espadas dos meus braços  
e subo a torre com asas nas pernas:  
vou lá pra ver o céu que me espera.

*Afonso Guerra-Baião*

## Devaneios

Dispo-me,  
Nem assim me vejo.  
Em pensamento, perco-me  
No mundo das ilusões, a sonhar...  
O espelho não reflete a imagem  
Que desejo encontrar.  
Oh! Não me vejo.  
Dispo-me.  
Estou nua.  
Nua...nua...  
N - u - a  
Nua de mim...  
Resta-me sonhar  
Com a imagem refletida no espelho.  
Espelho do tempo,  
Espelho da esperança,  
Espelho de vida...

*Maria Dolores Pimentel de Rezende*

## INTENSO, LINDO, FORTE, VERDADEIRO, DESAFIADOR É O NOSSO AMOR

Parece que foi ontem  
E décadas se passaram.  
Eu, você e nosso lindo amor.

Entre sonhos, beijos, enlevos e abraços  
Nos vimos a casa dia num querer sem fim.  
Eu pensando em você.  
Você pensando em mim.

Parece que foi ontem  
O nosso primeiro abraço e beijo.  
O primeiro, naquela esquina...  
Eu, ainda uma menina!

A cada dia, nosso amor  
Mais e mais aumentou.  
Sob sol, chuvas, tempestades  
Mas sempre forte, de verdade!

Dia dos Namorados...  
Nosso eterno dia!  
Nada maior que nossa alegria pode haver.  
Você desejando a mim;  
Eu desejando você.

Embora com tantas mudanças...  
Isolados nos unimos, entre dores e risos;  
Foi a forma que Deus escolheu  
Para nos mostrar o paraíso.

Dia dos Namorados!  
Reafirmamos nosso amor.  
Agradecemos a Deus a vida  
Juntos! Não mais dividida.

*Vera Salviano*

## Sacralidade Feminina

A Donzela é o botão de flor  
É o florescer!  
É a mocidade,  
A coragem de viver!  
A face inocente da Trindade!  
A branca luz do alvorecer.

A Mãe é a flor desabrochada!  
A noite enluarada!  
É a certeza da vida e do renascer.  
É o oculto é a verdade...  
A face luminosa da Trindade!  
A luz que procuro ser.

A Anciã é a flor que já viveu!  
É a velha que tece...  
É a lua que escureceu!  
É a vovó em prece...  
É a sabedoria da idade  
A face doce da Trindade  
É o sangue que não verteu...  
É tudo que serei, e a raiz do meu eu.

A Megera é a flor que entristeceu  
É a noite escura da vida  
É a lua que não se ergueu  
É a feiticeira, a cura e a ferida  
O abraço que me socorreu.  
É a ceifadora da maldade!  
A face negra da Trindade  
O manto negro que me envolveu

Donzela  
Mãe  
Anciã  
Megera  
Tenho em mim todas Elas...  
Umas frias,  
Outras feras!  
Todas Místicas!  
Todas Belas!  
Sou a cada fase, uma Delas!

*Lara Repolez Salgado*

## Pétalas

Colher nas mãos os sonhos de menina adormecida  
brilhando róseos reflexos de luz.  
O aconchegar se faz de fulgor,  
de asa de borboleta se conduz,  
buscando todos momentos felizes de sua vida.

Colher nos gestos florescentes, sorrir de candura,  
impregnando poesias de chegadas.  
A fonte jorra, escorre no leito,  
nas histórias de contos de fadas,  
inundando de lembranças as canções de ternura.

Colher nos olhares silenciados os contínuos abraços  
afagando primaveras de cores.  
A brisa flutua nas gotas de amor  
umedece o solo de sementes e flores  
eternizando a delicadeza perene dos laços.

Colher nas paisagens do amanhã as estrelas do olhar,  
brilhando além do amanhecer.  
A emoção adormece, pulsa no peito,  
passeia nos caminhos do ser,  
encantando uma nova jornada que começa a germinar.

*João Evangelista Teixeira*

# Sonho de Natal na Vida Real

Lindaaura Primavera

Era noite de Natal, sinos tocavam, luzes piscavam nas árvores enfeitadas para colocar debaixo delas os presentes de Natal. Mas, naquela mesma cidade, num lar de muito amor, não havia árvore de Natal, mas sim a esperança daquele presente sonhado durante todo o ano.

A família, formada por pai, mãe e três irmãos Linda a primogênita, Branca, a do meio e Eric o caçulinha. As duas irmãs passavam diante da vitrine de uma loja de brinquedos admiravam e sonhavam com uma linda boneca loura de olhos azuis que tinha um lindo vestido amarelo, trocava os passinhos e falava: “mamãe... mamãe...” O irmãozinho ainda bem pequeno, queria um carrinho de verdade, porque os que tinha eram feitos de carretéis de linha e caixinha de fósforo, que o pai fazia para ele.

O pai, italiano trabalhador e honesto, ganhava pouco com o trabalho de sua oficina, mas o suficiente para manter sua família com a ajuda da esposa que lavava roupas para algumas pessoas e ainda fazia bolos, sonhos e biscoitos para vender e com esse dinheiro completava a renda mensal. Seus filhos cresceram naquele lar simples e com a ilusão de que Papai Noel realmente existia e trazia-lhes os presentes. Tudo era fácil enquanto pequenos, porque ficavam felizes com o que ganhavam.

Mas como as meninas já estavam crescidas e visitavam as lojas de brinquedos, naquele ano fizeram o bilhetinho para o Papai Noel pedindo para elas aquela boneca que falava e para o irmãozinho Eric um carrinho de verdade. Escreveram até o endereço da loja para não ter erro. À noite, colocaram o bilhete nos sapatinhos atrás da porta da sala e foram dormir ansiosos para que o dia seguinte chegasse.

Logo que o dia clareou, foram correndo para a sala em busca dos seus presentes. Mas que Decepção! Papai Noel deixou-lhes um presente, mas não o que pediram. O pai então transmitiu-lhes o recado do bom velhinho, que manou pedir desculpas, pois estava muito doente e cansado, não aguentando carregar aquelas bonecas, mas que prometia levar no Natal seguinte, que com certeza estaria bom de saúde. Linda e Branca se olharam comovidas e ficaram até com dó do Papai Noel.

Sentaram na porta da sala com suas bonequinhas de pouco mais de dez centímetros, de um material quebrável, vestida de Chapeuzinho Vermelho, com umas pedrinhas dentro.

Felizes balançavam suas bonequinhas e faziam “chique... chique...”

De repente, surge na esquina, saindo de sua casa, a amiguinha rica, Suely, filha do fazendeiro Joaquim, que moravam numa casa depois da delas e lá vem ela toda garbosa e balançando nos braços a boneca que pediram para o Papai Noel. Linda e Branca, mas que depressa esconderam debaixo da saia a bonequinha do chique... chique...

Ao chegar perto delas Suely perguntou:

- “O que vocês ganharam de Natal?”

Linda rapidamente respondeu mentindo:

- “Nós ganhamos vestido, sapato e cordão de ouro,”

Presentes que elas não iriam buscar para mostrar.

Então Linda disse:

- “Deixe-me pegar um pouco a sua boneca?”

Ela deixou e linda quase chorando apertou a boneca contra o peito abraçando-a e antes que Suely saísse deu à sua irmã para segurar um pouquinho, entregando-a para sua amiga que voltou à sua casa.

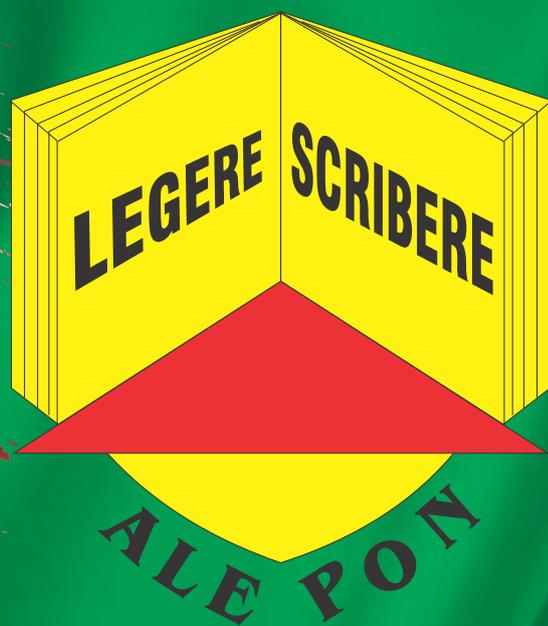
Triste e revoltadas, as irmãs entraram e disseram para o pai:

- “Papai Noel é muito ingrato, porque deu a boneca para Suely que é rica, só porque somos pobres não nos deu. Mesmo doente e cansado, poderia andar devagarzinho, um pouquinho mais e entregar aqui a boneca que pedimos. Não gostamos mais dele, acrescentou Linda chorando.

Seu pai ouviu silencioso o desabafo da filha, depois chamou os três filhos para uma conversa. Com muito jeito contou-lhes que o Papai Noel era uma fantasia, somente para alegrar as crianças e que na verdade quem comprava os presentes era mesmo o pai das crianças e como ele lutava com muita dificuldade, não tinha condição de lhes dar o que estavam querendo pois era muito caro. Linda entendeu, abraçou os pais que lhe pediram desculpas. O irmãozinho estava indiferente, pois não entendia bem aquela história, mas a pequena Branca ficou tão decepcionada que se trancou no quarto e chorou o dia todo.

Depois de ter desabafado saiu do quarto e também abraçou os pais e daí por diante tudo foi mais fácil para todos, apesar de que o seu pai por longos anos, até o fim de sua vida, dizia que o maior remorso que sentia, era ter contado para os filhos quem era o Papai Noel e ter acabado com a ilusão deles, mas ficou uma grande lição:

- “Por mais que machuque, a verdade é melhor que uma decepção”.



## EM PORTUGAL, OLIVEIRA RIBEIRO É ALEPON

O poeta Oliveira Ribeiro é, desde 2015, sócio correspondente da Alepon em Porto, Portugal. Poeta diário, de uma verve afiada e contagiante, incentiva a participação dos poetas lusitanos no Concurso Literário Mário Clímaco, promovido pela Alepon.

Sempre que os vencedores são anunciados, Oliveira Ribeiro promove, com imenso carinho e determinação, belíssima cerimônia de entrega dos prêmios aos vencedores. Preparada com antecedência, os convidados vão chegando das várias partes de Portugal, para um cenário

envolvente, em que são apresentadas músicas da melhor qualidade, poesias de acadêmicos e não acadêmicos, numa tertúlia marcante.

A Alepon agradece e reconhece o esforço enorme deste confrade atuante e entusiasmado pelas letras.

Além destas homenagens, Oliveira Ribeiro destaca em sua página no facebook a obra de um poeta da Alepon em cada mês. Estudioso da Literatura Portuguesa, sua página é fonte também de pesquisa sobre os grandes poetas portugueses, com os pais ele dialoga constantemente.



Oliveira Ribeiro coordena o prêmio Mário Clímaco em Portugal



Oliveira Ribeiro recebe Ester Magalhães em Porto



Tereza Teixeira lê o texto premiado



Seleto público na premiação do concurso Mário Clímaco em Porto

**REVISTA SARAU DA ALEPON**

**PONTE NOVA, BERÇO DE**

*Arte e Cultura*

**ALEPON  
25 ANOS DE CULTURA EM PONTE NOVA**